

Infográficos digitais governamentais para mulheres: uma análise de suas características sob a perspectiva feminista

Infografías digitales de gobierno para mujeres: un análisis de sus características desde una perspectiva feminista

Government digital infographics for women: an analysis of their characteristics from a feminist perspective

Virgínia Tiradentes Souto, Symone Rodrigues Jardim, Daniela Fávaro Garrossini,
Ana Mansur de Oliveira, Fátima Aparecida dos Santos

infográficos, mulheres, design da informação, governo, políticas públicas

O objetivo deste artigo é descrever e analisar infográficos governamentais voltados para mulheres. A análise se concentra na classificação de infográficos e na aplicação de princípios humanísticos e emancipatórios sob uma perspectiva feminista. Para tanto, foi realizada uma revisão de estudos sobre infográficos relacionados a governos e/ou mulheres, seguida da análise de dezessete infográficos de cinco países: Austrália, Brasil, Canadá, Chile e Espanha, nas áreas de educação, saúde, segurança e trabalho. Os resultados mostram que o uso de infográficos na divulgação de políticas públicas voltadas para mulheres ainda é limitado e, em sua maioria, não incorpora princípios humanísticos e emancipatórios.

infografías, mujeres, diseño de información, gobierno, políticas públicas

El objetivo de este artículo es describir y analizar infografías gubernamentales dirigidas a las mujeres. El análisis se centra en la clasificación de las infografías y la aplicación de principios humanistas y emancipadores desde una perspectiva feminista. Para ello, se realizó una revisión de estudios sobre infografías relacionadas con los gobiernos y/o las mujeres, seguida del análisis de diecisiete infografías de cinco países: Australia, Brasil, Canadá, Chile y España, en las áreas de educación, salud, seguridad y trabajo. Los resultados muestran que el uso de la infografía en la difusión de políticas públicas dirigidas a las mujeres es aún limitado y, en su mayoría, no incorpora principios humanistas y emancipadores.

infographics, women, information design, government, public policy

The aim of this paper is to describe and analyse government infographics aimed at women. The analysis focuses on the classification of infographics and the application of humanistic and emancipatory principles from a feminist perspective. To this end, a review of studies on infographics related to governments and/or women was conducted, followed by the analysis of seventeen infographics from five countries: Australia, Brazil, Canada, Chile and Spain, in the fields of education, health, security and labour. The results show that the use of infographics in the dissemination of public policies aimed at women is still limited and for the most part, does not incorporate humanistic and emancipatory principles.

1 Introdução

Os avanços nas tecnologias digitais transformaram a comunicação entre governos e cidadãos e facilitaram o acesso à informação e aos serviços públicos (United Nations, 2024). Entre as estratégias de comunicação utilizadas, os infográficos digitais se destacam por sua capacidade de sintetizar dados complexos de forma acessível e visualmente atraente (Meirelles, 2013). No entanto, ainda há uma lacuna na produção de infográficos governamentais especificamente voltados às mulheres, o que pode impactar a eficácia da disseminação de informações e políticas públicas destinadas a esse público.

Os infográficos são definidos de diferentes maneiras por pesquisadores de diferentes áreas do conhecimento. Weber (2017) propõe uma definição de infográficos interativos. Segundo o autor, infográficos interativos são:

“uma representação visual de informação que integra diferentes modos, por exemplo, imagem (que é o modo constitutivo), texto escrito, fala, som e layout em um todo coerente e oferece pelo menos uma opção de navegação para controlar o gráfico. Sua função comunicativa é informar, por exemplo, descrevendo ou explicando algo ou narrando uma história factual” (Weber, 2017, pg. 251, tradução livre).

Neste estudo, a definição proposta por Weber foi adaptada para infográficos digitais, que não são necessariamente interativos e também podem ser estáticos ou animados. Portanto, definimos infográficos digitais como representações visuais de informações que combinam diferentes modos (e.g. texto, imagem, som) em um todo coerente, em formato digital e com o objetivo de transmitir informações.

O poder dos infográficos como uma ferramenta para transmitir informações e promover a compreensão tem sido argumentado por diversos autores. Dentre os potenciais dos infográficos estão o fato de que, se bem implementados, podem: entregar uma quantidade grande de conteúdo no menor espaço possível e ainda assim ser preciso e claro (Dunlap & Lowenthal (2016), apresentar informações complexas de uma forma que seja facilmente compreendida pelos usuários (Souto, 2014), transmitir a essência das informações rapidamente, aumentando assim a chance de serem compartilhados e disseminados por uma variedade de canais digitais (Smiciklas, 2012), atuar como uma forma de combater notícias falsas (Domgaard & Parkb, 2021). No entanto, assim como outros tipos de visualizações, os infográficos, se mal projetados, podem causar confusão, mal-entendidos ou desconfiança (Franconeri et al., 2021) e podem ser usados para espalhar notícias falsas (Cairo, 2008; 2015) e, portanto, devem ser usados com responsabilidade e com base em fatos (Jacob, 2020).

Infográficos podem ser utilizados por governos digitais em uma variedade de contextos e de diferentes maneiras. Usar infográficos para informar mulheres sobre políticas públicas e informações úteis sobre questões relevantes para mulheres pode ajudar a aumentar o interesse e o engajamento das mulheres em uma variedade de políticas e serviços governamentais que visam mulheres. Em muitos países, os governos fornecem infográficos para mulheres em seus canais digitais. Portanto, é importante verificar se esses infográficos

são desenvolvidos de uma forma adequada para mulheres e usam princípios de design humanista e feminista. Lupi (2023) explica que a abordagem humanista funciona quando incorporamos as qualidades humanas encontradas nos dados, como contexto, dados ausentes, imperfeição e incerteza. Os princípios feministas estão ligados à abordagem humanista e emancipatória, que desafia a norma em favor de práticas socialmente responsáveis no design da informação, como valorizar as emoções e valorizar a pluralidade (Novais Queiroz & Tiradentes Souto, 2024).

O objetivo deste artigo é descrever e analisar infográficos governamentais voltados para mulheres. A análise se concentra na classificação dos infográficos, suas principais características, semelhanças e diferenças, e se eles usam princípios humanistas e emancipatórios de uma perspectiva feminista. Primeiramente, foi realizada uma revisão de estudos sobre infográficos relacionados a governos e/ou mulheres. Em seguida, é apresentada a análise, incluindo a escolha da amostra, o método de análise, os resultados e a discussão por país. Foram analisados dezessete infográficos de cinco países nas áreas de educação, saúde, segurança e trabalho. Por fim, são apresentados os resultados, a discussão geral e as reflexões finais do estudo.

2 Análise prévia de infográficos relacionados a governos e/ou mulheres

Foi realizada uma pesquisa para verificar se há análises de infográficos sobre políticas públicas para mulheres. No entanto, não foram encontrados estudos que correspondessem ao foco desta revisão. Os estudos encontrados sobre infográficos voltados para mulheres geralmente se concentram em saúde (e.g. Derakshan et al., 2024) e política (e.g. Amit-Danhi & Shifman, 2018), mas não relacionados a governos. Também foram encontrados estudos sobre infográficos governamentais que focam em outras áreas do conhecimento, como linguística (e.g. Piotti & Murphy, 2019). Portanto, foram buscados estudos que se concentram na análise de infográficos sobre governo e/ou mulheres, com foco na análise do design de informação dessas visualizações. Os poucos estudos encontrados com esse foco são brevemente descritos abaixo.

Um estudo mais recente analisando infográficos governamentais foi conduzido por Dailey et al. (2025). Eles investigaram como os governos municipais dos EUA usam infográficos narrativos. Para tanto, utilizaram análise de conteúdo visual, codificando cada infográfico por função governamental, área de política, fator de usabilidade, elementos de design e elementos narrativos. De acordo com os autores, os resultados da pesquisa mostram que os infográficos narrativos são amplamente usados pelos governos municipais dos EUA para informar o público sobre uma variedade de tópicos, especialmente planejamento, avaliação e risco. As áreas mais comuns abordadas pelos infográficos do governo municipal foram saúde e segurança pública.

Ainda com o foco na análise de infográficos governamentais, Faria e Souto (2014) investigaram as propriedades formais dos infográficos encontrados no site do governo federal

brasileiro. A análise foi feita a partir de uma classificação que compreende os métodos de configuração e os modos de simbolização da linguagem gráfica em uma matriz de Twyman (1979). Como resultado, as autoras concluem que os infográficos do governo brasileiro mostram principalmente formas verbais de simbolização, tanto na estrutura quanto nos detalhes.

Outro estudo com foco em visualizações fornecidas por uma agência governamental foi desenvolvido por Callaça Gadioli Farage et al. (2024). Este estudo também se concentra em visualizações destinadas a mulheres, que não são consideradas infográficos, mas sim gráficos sem contexto e/ou outros tipos de conteúdo informativo. Foi proposta uma ferramenta de análise com quatro parâmetros: contexto, estrutura, acessibilidade e visualização gráfica, divididos em 13 aspectos. Os autores concluem que futuras análises e pesquisas são importantes para aprofundar aspectos humanísticos e feministas que podem influenciar o design da visualização de dados e contribuir para a promoção da igualdade de gênero.

Em relação às pesquisas com foco em infográficos para mulheres, foi encontrado um estudo sobre visualizações de dados sob uma perspectiva feminista (Queiroz, 2021). O estudo examina vieses normativos no design de informação e apresenta contraposições à soberania desses valores hegemônicos sob uma perspectiva feminista. A autora propõe uma ferramenta de criação e análise de visualizações e apresenta uma análise de oito visualizações de dados, em sua maioria infográficos, disponíveis em sites de jornais e mídias de diferentes países sobre o tema da representatividade feminina na política. Os resultados mostram que 11 dos 20 princípios não foram cumpridos de forma alguma. A autora conclui que predominam soluções limitadas a design tradicionais, assim como baixa interatividade, falta de contextualização e uma linguagem visual pautada por suposta neutralidade. A ferramenta proposta neste estudo é uma das ferramentas utilizadas na análise proposta, conforme explicado a seguir.

3 A análise

O objetivo deste estudo é descrever e analisar infográficos governamentais voltados às mulheres. A análise se concentra na classificação dos infográficos, suas principais características, semelhanças e diferenças, e se eles aplicam princípios humanistas e emancipatórios de uma perspectiva feminista. Quatro áreas principais de política pública/informação pública foram definidas como foco do estudo: segurança, saúde, educação e trabalho. A seleção das amostras, o método/ferramenta de análise e os resultados são apresentados a seguir.

Escolha das amostras

Para selecionar as amostras, uma busca no Google foi realizada primeiramente usando as seguintes palavras-chave (entre aspas): "infográfico" + "políticas públicas" + "mulheres" + "governo", em inglês, português e espanhol (línguas de domínio das pesquisadoras). Os

resultados foram visualizados tanto na aba “todos”, como em “imagens” da ferramenta de busca. Diferentes ordens de palavras também foram utilizadas e algumas palavras foram removidas, por exemplo, foi feita a busca apenas usando “infográfico” + “mulheres” + “governo brasileiro”. Em buscas posteriores, palavras das áreas de políticas públicas analisadas também foram adicionadas: “educação”, “segurança”, “saúde”, “trabalho”, e palavras relacionadas como “ensino” ao invés de “educação”, “emprego” ao invés de “trabalho”.

A busca também foi realizada com as terminações dos diferentes países nos três idiomas, como: “gov.br”, “gov.pt”. Além disso, os nomes dos países foram pesquisados e alguns resultados relacionados foram encontrados, como: “governo brasileiro”. Foram selecionados infográficos desenvolvidos e publicados somente pelos governos federais. A busca teve que ser bem ampla, pois foi difícil encontrar infográficos governamentais direcionados a políticas públicas ou informações sobre qualquer uma das quatro áreas, voltadas para mulheres. Optou-se por selecionar países que tivessem infográficos para pelo menos três das quatro áreas analisadas para que a análise fosse mais equilibrada entre os países. Se mais de um infográfico fosse encontrado por país e por área, o mais recente seria selecionado. Por fim, 17 infográficos dos seguintes países foram incluídos na análise: Brasil, Austrália, Canadá, Chile e Espanha. Figura 1 apresenta os títulos dos infográficos incluídos por país e área.

Figura 1. Títulos dos infográficos analisados por país e área (traduzidos para o português).

País	Educação	Saúde	Segurança	Trabalho
 Austrália	Mulheres em STEM em resumo	Sangramento menstrual intenso na Austrália	Violência familiar, doméstica e sexual	Salários e idades
 Brasil		Saúde da mulher	8º Diagnóstico Nacional	A mulher no mercado de trabalho
 Canadá		Assistência médica para mulheres indígenas	Violência de gênero online: não são apenas palavras	O aumento do trabalho autônomo entre mulheres no Canadá
 Chile	Participação da mulher. Cultura, Artes e Patrimônio		Violência contra as mulheres no Chile	Participação das mulheres no mundo laboral
 Espanha	Mulheres em cifras: educação	Mulheres em cifras: saúde	Mulheres em cifras: violência	Mulheres em cifras: jornada parcial

Método de análise

Duas ferramentas de análise foram utilizadas para analisar os infográficos: o framework para classificar infográficos interativos, de Weber (2017), e o instrumento para projetar Visualização de Dados por uma perspectiva feminista, de Queiroz (2021) (mencionado no tópico 2). Essas ferramentas foram selecionadas porque, das ferramentas encontradas, elas mais se aproximavam com o foco deste estudo.

O framework para classificar infográficos interativos, proposto por Weber (2017), abrange as características básicas e os diferentes tipos de infográficos interativos, e é composto por 5 categorias: imagem, texto, estrutura dramatúrgica, característica e produtor/usuário (Figura 2).

Figura 2: Framework de classificação de infográficos interativos, adaptado de Weber (2017), tradução livre.

Categoria	Crítérios	Tipos	Padrões/formas híbridas
Imagem	Tipos de imagens	Diagrama, mapa, foto, vídeo, desenho...	Gráfico de pizza, gráfico de barras, tabela, linha do tempo, cartograma...
Texto	Quem, o quê, quando, onde, por quê e como	Como-tipo Quem-tipo Quando-tipo	O quê/quando → linha do tempo O quê/como → diagrama de processo Quanto/onde → mapa coroplético, cartograma
Estrutura	Linearidade	Linear, não linear, linear-não linear	Dramaturgia passo a passo, explorativa...
Recursos	Interatividade	Baixa, média, alta	Interatividade linear, interatividade de objetos, interatividade imersiva
Produtor/ usuário	Função comunicativa	Narrativa, explicativa, descritiva	Hiper comic (narrativa), diagramas de como fazer (descritivo-explicativo)

A ferramenta para projetar Visualização de Dados por uma perspectiva feminista, de Queiroz (2021), permite verificar se as soluções propostas desafiam ou não as convenções no campo do design da informação. O instrumento é composto por 20 princípios divididos em 6 grupos: (a) considerar que o conhecimento é parcial, (b) repensar binários e hierarquias, (c) valorizar a emoção, (d) valorizar a pluralidade, (e) dar visibilidade aos envolvidos, e (f) permitir o conflito, e três escalas de níveis de intensidade, como apresentados na Figura 3.

Figura 3: Ferramenta para projetar Visualização de Dados por uma perspectiva feminista, adaptada de Queiroz (2021).

Grupos	Princípio ou proposta metodológica	Não atende	Atende em parte	Contempla o princípio
A considerar que o conhecimento é parcial	Iniciar o estudo pelas experiências das mulheres. Inclui-se aqui ter mulheres na equipe criativa.	☐	☐	☐
	Considerar o contexto e investigar como as relações sociais desiguais operam sobre os dados que estão sendo representados.	☐	☐	☐
	Centrar-se nas vozes daqueles que são diretamente impactados pelos resultados do processo de design.	☐	☐	☐
	Valorizar o conhecimento de pessoas vivas, de corpos com pensamentos e de sentimentos atuantes hoje no mundo.	☐	☐	☐
	Questionar e desafiar conceitos e marcadores visuais que possam ser sexistas, racistas, homofóbicos ou que possam reproduzir qualquer tipo de opressão.	☐	☐	☐
	Perceber, ao projetar, o papel do (a) designer como de alguém que facilita, e não de um (a) especialista.	☐	☐	☐
B repensar binários e hierarquias	Desafiar o gênero binário e outros sistemas de contagem e classificação que contribuem com a perpetuação da opressão.	☐	☐	☐
C valorizar a emoção	Explorar a emoção e o afeto como legítimos caminhos para o conhecimento.	☐	☐	☐
	Usar narrativa ou recursos poéticos que possam gerar afetos.	☐	☐	☐
	Humanizar, apresentando individualidades da massa ou a quem pessoalmente os dados referem-se.	☐	☐	☐
D valorizar a pluralidade	Antes de buscar novas soluções de design, investigar o que já está funcionando no âmbito da comunidade.	☐	☐	☐
	Valorizar linguagens visuais não normativas; honrar e elevar conhecimentos e práticas tradicionais, indígenas e locais.	☐	☐	☐
	Representar visualmente a diversidade étnica e racial; promover afirmações identitárias em detrimento da homogeneização.	☐	☐	☐
	Trazer o conhecimento mais completo a partir da síntese de múltiplas perspectivas, priorizando o pensamento local.	☐	☐	☐
E dar visibilidade aos envolvidos	Personificar partes retratadas, apresentando pessoas das quais os dados foram extraídos.	☐	☐	☐
	Revelar as partes envolvidas na concepção da visualização e, consequentemente, seus pontos de vista e privilégios.	☐	☐	☐
	Revelar quem financiou a pesquisa.	☐	☐	☐
F permitir o conflito	Abrir mão dos pontos de vista da neutralidade e da objetividade (truque de deus), visto que contribuem para que perspectivas de um grupo sejam apresentadas como visão normal do mundo.	☐	☐	☐
	Evidenciar dados ausentes ou omitidos, lacunas que não são quantificadas por não serem do interesse do grupo dominante ou que podem revelar preconceitos e indiferenças sociais ocultas.	☐	☐	☐
	Tornar a dissidência possível, ou seja, representar visualmente que métodos podem ser falhos; trazer à tona as limitações metodológicas e as lacunas na coleta.	☐	☐	☐

Resultados e discussão, por país

Os resultados e a discussão são apresentados abaixo, por país, em ordem alfabética: Austrália, Brasil, Canadá, Chile e Espanha.

Austrália

O governo australiano dispõe de uma variedade de infográficos nos sites vinculados ao governo que terminam em gov.au. Os infográficos do governo australiano, que já estão nas páginas dos sites, geralmente têm uma descrição do texto do infográfico, aumentando assim a acessibilidade dos infográficos. Foram encontrados no site do governo australiano infográficos voltados às mulheres nas quatro áreas investigadas: educação¹saúde², segurança³ e trabalho⁴. Eles foram encontrados em sites de diferentes agências governamentais, o que provavelmente seja uma das razões para a diversidade no design desses infográficos.

Em termos de classificação, verificou-se que os infográficos foram desenvolvidos com desenhos, símbolos, gráficos de pizza e gráficos de barras. Os textos foram usados como títulos, subtítulos, legendas, para descrever um tópico, e foram apresentados como listas e dados comparativos e porcentagens. A estrutura é geralmente linear com pouca interação, apenas a barra de rolagem (ou toque), com exceção da versão interativa do infográfico sobre trabalho. A função comunicativa dos infográficos é, de maneira geral, apresentar dados sobre um tópico específico.

Em relação a perspectiva feminista, foi percebido que os infográficos australianos, em geral, não consideram que o conhecimento é parcial, não repensam binários e hierarquias, e também não valorizam a pluralidade. Mas, por outro lado, eles em parte valorizam a emoção, dão visibilidade aos envolvidos e permitem o conflito. A Figura 4 mostra o infográfico analisado relacionado à saúde feminina criado pelo governo australiano.

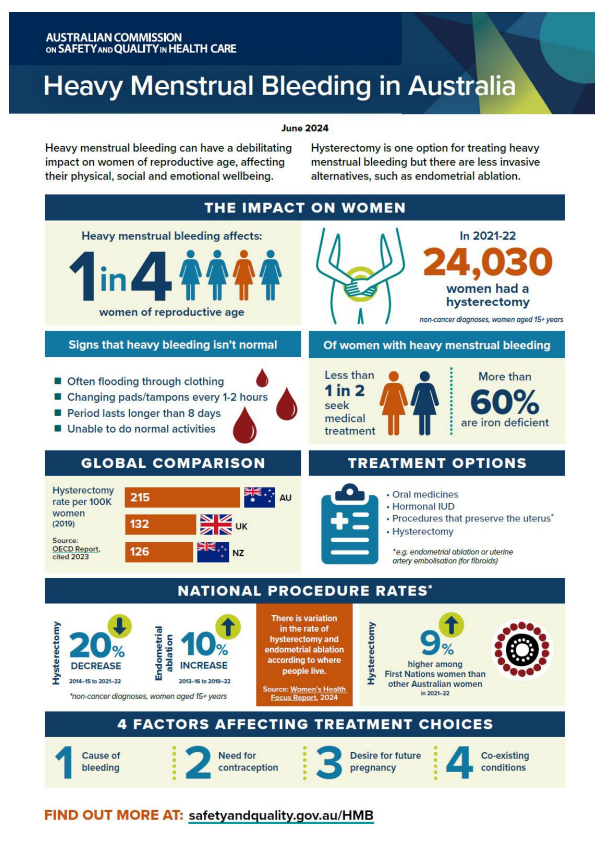
¹Link infográfico: <https://www.industry.gov.au/publications/advancing-women-stem-strategy/snapshot-disparity-stem>

² Link infográfico: https://www.safetyandquality.gov.au/sites/default/files/2024-06/heavy_menstrual_bleeding_in_australia.pdf

³ Link infográfico: <https://www.aihw.gov.au/getmedia/bdf565d4-58f6-400d-a072-2284ffa009cd/aihw-fdsv-infographic-young-women.pdf>

⁴ Link infográfico: https://www.wgea.gov.au/sites/default/files/documents/22_05%20AGE%20INFO.pdf

Figura 4. Infográfico relacionado à saúde feminina produzido pelo governo australiano. (Reproduzido com permissão 'Heavy Menstrual Bleeding in Australia infographic', desenvolvido pela Comissão Australiana de Segurança e Qualidade em Cuidados de Saúde (ACSQHC). ACSQHC: Sydney (2024))⁵.



Brasil

O governo brasileiro tem um portal para seus ministérios e órgãos: gov.br. Vários infográficos desenvolvidos pelo governo federal foram encontrados, no entanto, muito poucos infográficos foram desenvolvidos com foco em mulheres. Embora alguns órgãos tenham um tema chamado "infográficos", nem todos se enquadram neste subtema. Além disso, a grande maioria dos infográficos governamentais que focam em mulheres visam diagnosticar um problema específico, em vez de disseminar e/ou promover políticas públicas centradas em mulheres. Infográficos direcionados a mulheres foram encontrados nas áreas de saúde⁶, segurança⁷ e trabalho⁸. Embora o site do Ministério da Educação tenha uma seção para infográficos, nenhum dos infográficos publicados nesta seção tratou de mulheres. Ainda, o governo brasileiro tem um ministério que lida com mulheres, mas nenhum infográfico direcionado a mulheres foi encontrado neste ministério.

⁵ <https://www.safetyandquality.gov.au/publications-and-resources/resource-library/heavy-menstrual-bleeding-australia-infographic>

⁶ Link infográfico: <https://www.gov.br/saude/pt-br/centrais-de-conteudo/publicacoes/svsa/doencas-cronicas-nao-transmissiveis-dcnt/saude-da-mulher-uma-analise-de-desigualdades-na-perspectiva-da-vigilancia-em-saude-infografico>

⁷ Link infográfico: <https://www.gov.br/mj/pt-br/assuntos/sua-seguranca/seguranca-publica/estatistica/download/pesquisa-perfil/outrasperfil/deams/infograficos-2022.pdf>

⁸ Link infográfico: <https://www.gov.br/trabalho-e-emprego/pt-br/assuntos/onmt/noticias/desigualdade-salarial-entre-sexos-e-maior-em-setores-com-mais-participacao-de-mulheres>

Os três infográficos analisados do Brasil podem ser considerados estáticos ou de baixa interatividade, pois foram publicados em arquivos PDF sem interação, exceto pelas barras de rolagem, e apresentam estrutura linear. No entanto, o infográfico sobre segurança contém uma versão interativa dos dados. Este infográfico faz parte de um documento mais abrangente⁹, onde está informado o nome da autora do infográfico. Os infográficos brasileiros analisados possuem desenhos, mapas, ícones, apresentam gráficos de pizza, de barras, e/ou tabelas. O texto é geralmente apresentado na forma de porcentagens e listas, entretanto um deles é mais textual. Em termos da função comunicativa, os infográficos são mais descritivos. No que diz respeito à perspectiva feminista, os infográficos da saúde (Figura 5) e da segurança atendem a mais princípios do que o infográfico do trabalho, que apresenta um leiaute mais formal. Os infográficos analisados não repensam os binários e não valorizam a pluralidade, entretanto, em parte, valorizam a emoção, dão visibilidade aos envolvidos e permitem o conflito.

Figura 5. Reprodução de parte inicial do infográfico 'Saúde da mulher: uma análise de desigualdades na perspectiva da vigilância em saúde', de autoria do Ministério da Saúde, 2022¹⁰.



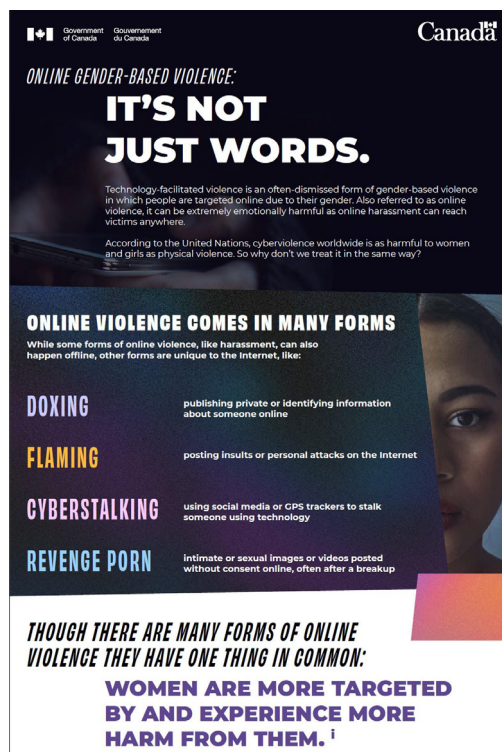
⁹<https://www.gov.br/mj/pt-br/assuntos/sua-seguranca/seguranca-publica/susp-mulheres/8o-diagnostico-nacional-das-unidades-de-policia-civil-especializadas-o-atendimento-as-mulheres-deam-1>

¹⁰<https://www.gov.br/saude/pt-br/centrais-de-conteudo/publicacoes/svsa/doencas-cronicas-nao-transmissiveis-dcnt/saude-da-mulher-uma-analise-de-desigualdades-na-perspectiva-da-vigilancia-em-saude-infografico/view>

Canadá

No portal do governo canadense é possível encontrar diversos infográficos. Muitos deles encontram-se na área de estatística do governo, e, portanto, focam em demonstrar as estatísticas de um determinado assunto. Apesar do número significativo de infográficos no governo canadense, poucos infográficos focam em mulheres. Apenas os infográficos relacionados à saúde¹¹, segurança¹² e trabalho¹³ foram encontrados. Os infográficos analisados do governo canadense incluem fotos, desenhos, ícones, linhas do tempo e gráficos de barras. O texto é geralmente explicativo, dividido em tópicos e inclui listas, legendas e porcentagens. Todos os infográficos têm uma estrutura linear e considerados com baixa interação. A função comunicativa é descritiva e narrativa. O infográfico sobre segurança, por exemplo, é mais narrativo, tem um apelo à ação (Figura 6). Em termos das perspectivas feministas, todos os infográficos do governo canadense analisados evidenciam dados ausentes. No entanto, eles cumprem apenas parcialmente os outros princípios, e nenhum deles cumpre o princípio de repensar binários e hierarquias.

Figura 6. Reprodução de parte inicial do infográfico 'Online gender-based violence: it's not just words', do Governo do Canadá¹⁴.



¹¹ Link infográfico: <https://www.canada.ca/content/dam/phac-aspc/documents/services/publications/aboriginal-health/healthcare-indigenous-women/healthcare-indigenous-women.pdf>

¹² Link infográfico: <https://www.canada.ca/en/women-gender-equality/campaigns/gender-based-violence-its-not-just/infographic-online-just-words.html>

¹³ Link infográfico: <https://www150.statcan.gc.ca/n1/en/pub/11-627-m/11-627-m2023069-eng.pdf?st=zXLMzpTP>

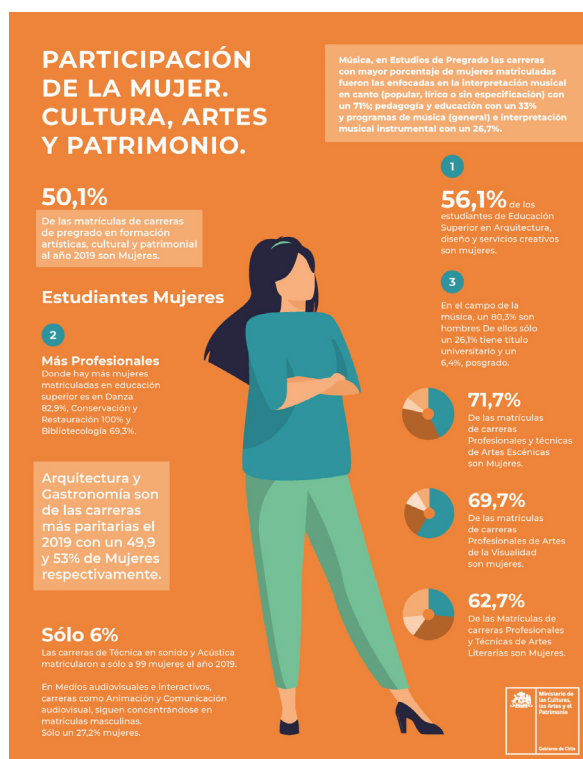
¹⁴ https://www.canada.ca/content/dam/wage-fegc/documents/gbv/its-not-just/fact-sheets/7262_WAGE_infographic_Tech_EN_P1.pdf

Chile

O governo do Chile tem uma área no site do ministério da mulher (Ministerio de la Mujer y la Equidad de Género) com três infográficos voltados à mulher. Desses, dois estão na área dessa pesquisa e foram incorporados na análise: segurança e trabalho¹⁵. Esta seção não parece ter sido atualizada desde 2020. Já o infográfico da educação está vinculado ao 'Ministerio de las Culturas, las Artes y el Patrimonio'.

Os dois infográficos desenvolvidos pelo ministério da mulher são bastante parecidos em termos de design e função comunicativa. Eles são bastante longos, apresentam desenhos, divisão de tópicos, linha do tempo, gráficos em barras. Já o infográfico sobre a educação é muito sintético (Figura 7). Os três infográficos chilenos analisados são de baixa interação, lineares e descritivos. Em relação às perspectivas feministas, os infográficos atendem a poucos princípios. Eles são bem organizados e evidenciam muitos dados ausentes sobre as mulheres, facilitando a experiência da interação com o usuário e permitindo o conflito. Entretanto, eles não auxiliam a repensar o binário, e pouco valorizam a emoção e/ou a pluralidade.

Figura 7. Reprodução do infográfico 'Participación de la mujer. Cultura, Artes y Patrimonio', do 'Ministerio de las Culturas, las Artes y el Patrimonio', Governo do Chile¹⁶.



¹⁵ Os infográficos estão disponíveis no 'Ministerio de la Mujer y la Equidad de Género' em uma área denominada 'División de Estudios e Infografías' https://minmujeryeg.gob.cl/?page_id=42192#

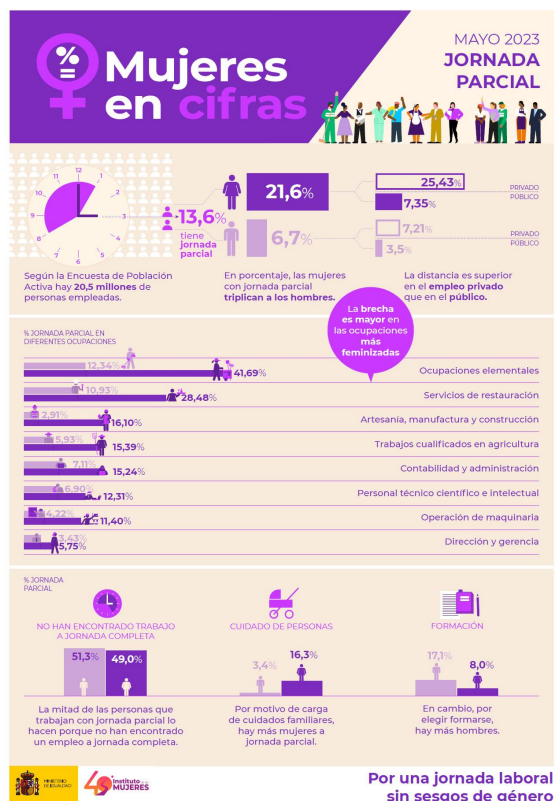
¹⁶ <https://observatorio.cultura.gob.cl/index.php/2021/06/08/infografia-participacion-de-la-mujer-en-cultura-artes-y-patrimonio-formacion/>

Espanha

Os quatro infográficos nas áreas do governo espanhol analisadas foram encontrados no site do 'Instituto Las Mujeres'¹⁷. De acordo com o instituto, eles dispõem de uma base de dados denominada Mujeres em Cifras, que produz infográficos para apresentar e disseminar a situação das mulheres em diferentes áreas e promover a compreensão de alguns conceitos de igualdade de gênero. Os infográficos são acompanhados por vídeos explicativos sobre o respectivo tópico.

Os infográficos analisados têm o mesmo formato no formato PDF, e são de baixa interação. Eles estão bem organizados, têm a mesma cor de fundo e são estruturados da mesma maneira. Eles contêm desenhos, ícones, gráficos de barras, são divididos em seções por linhas, têm diagramas de pizza, são lineares e descritivos. No que diz respeito à perspectiva feminista, eles também cumprem alguns princípios. Como os infográficos chilenos, eles são bem organizados e evidenciam dados ausentes, mas não reconsideram a binaridade ou o valor da pluralidade, nem valorizam a emoção. Figura 8 mostra o infográfico da Educação do governo espanhol.

Figura 8. Reprodução do infográfico: Mujeres en Cifras - Trabajo, 2023. Instituto Las Mujeres, Ministério de Igualdad, Governo da Espanha¹⁸.



¹⁷ <https://www.inmujeres.gob.es/MujerCifras/Infografia/InfografiaMeses.htm>

¹⁸ <https://www.inmujeres.gob.es/MujerCifras/Infografia/Docs/2023/JornadaParcial2023.pdf>

4 Resultados e discussão geral

Os países pesquisados frequentemente usam infográficos para apresentar dados e informações sobre determinados temas. Entretanto, poucos infográficos foram encontrados com temáticas voltadas às mulheres. Também foi descoberto que muitos deles são usados para disseminar estatísticas sobre tópicos específicos e não exatamente para informar sobre políticas públicas oferecidas por governos.

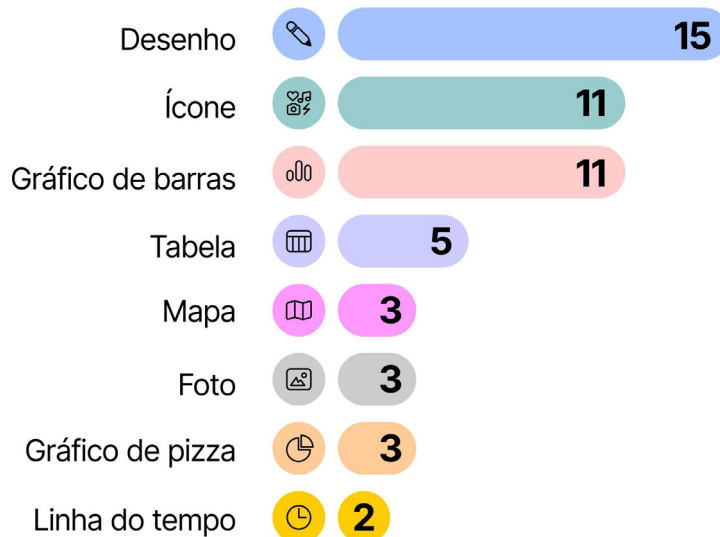
Um dos países que utiliza infográficos para divulgar políticas públicas e/ou serviços voltados às mulheres é o Canadá. Dos 3 infográficos analisados, dois continham informações sobre políticas públicas e serviços de apoio, com telefones e/ou links para sites com mais informações. Além desses, foi analisado um infográfico brasileiro que disponibiliza informações sobre unidades de segurança para as mulheres. Também foi constatado que os infográficos sobre segurança abordam, em sua maioria, a questão da violência contra a mulher e não incluem informações sobre como se proteger e/ou políticas públicas para mitigar essa realidade.

Neste infográfico sobre a segurança do governo brasileiro, assim como em outros, foi notado que é comum que o infográfico faça parte de um documento mais longo, como um relatório. Ou o infográfico é inserido no site, com o conteúdo disponível como texto e/ou em outros formatos, como vídeo ou uma interface interativa, aumentando assim a acessibilidade da informação. A questão da acessibilidade dos infográficos foi observada especialmente nos sites da Austrália e do Canadá. É uma das normas de acessibilidade da WC3 (2024) o uso de texto alternativo à imagem. Foi verificado que nem todos os países atendem aos padrões de acessibilidade ainda.

Em termos de classificação, todos os infográficos podem ser categorizados como pouco interativos e/ou estáticos. Neste estudo, consideramos os infográficos digitais como interativos com baixa, média e alta complexidade de acordo com a classificação de Weber (2017). Embora os infográficos sejam estáticos no sentido de que não permitem interação com os elementos internos e não têm nenhum tipo de animação, o usuário geralmente tem que interagir com o infográfico para visualizá-lo em sua totalidade usando a barra de rolagem (com o mouse) e/ou tocando na tela. Apenas dois dos 17 infográficos analisados oferecem outra versão interativa com conteúdo relacionado.

Além disso, a grande maioria dos infográficos analisados são lineares e usam formas descritivas de comunicação. Eles geralmente incluem desenhos, ícones, gráficos de barras e/ou gráficos de pizza, e alguns usam linhas do tempo e incluem fotos de mulheres (Gráfico 1). Eles, portanto, mostram uma certa similaridade no uso de elementos visuais, bem como na estrutura e função comunicativa.

Gráfico 1. Resultados da classificação de Imagem dos infográficos analisados (total em números).



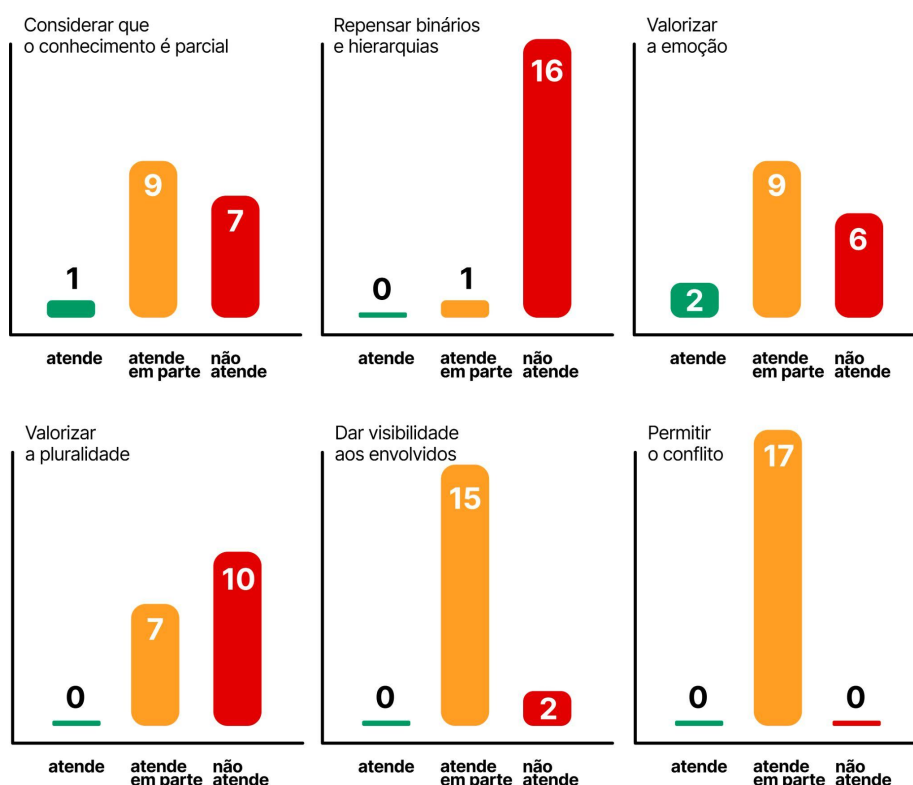
No que diz respeito à perspectiva feminista, poucos infográficos cumprem totalmente com qualquer um dos princípios. Alguns princípios foram atendidos com mais frequência, como a visibilidade do financiador e a evidência de dados ausentes. Na grande maioria dos infográficos, o órgão responsável pela sua criação foi mencionado. No entanto, em quase todos os infográficos, os autores não foram mencionados nem no infográfico nem nas informações nos sites. Portanto, não é possível avaliar o princípio “Iniciar o estudo pelas experiências das mulheres”. Inclui-se aqui ter mulheres na equipe criativa”. Além disso, nenhum dos infográficos cumpriu com o princípio “repensar o binário e suas hierarquias”. Os resultados mostram que o uso de elementos normativos do design da informação domina o design de infográficos criados por governos voltados às mulheres. Essa descoberta está de acordo com os resultados da pesquisa de Queiroz (2021) sobre visualizações e infográficos voltados às mulheres na mídia. Isso confirma a necessidade de mais discussão e engajamento de agentes públicos e designers sobre esse tópico. O Gráfico 2 mostra o resumo dos resultados por grupo dos princípios.

Quanto às ferramentas utilizadas para a análise, conclui-se que elas são eficazes para identificar similaridades e diferenças tanto na classificação de infográficos quanto na perspectiva feminista. No entanto, alguns ajustes poderiam permitir uma melhor aplicação das ferramentas. Por exemplo, ao classificar infográficos, seria importante verificar seu tamanho, e que tipo de conteúdo (e.g., informativo, educacional) eles têm.

Sobre a ferramenta ‘Visualização de Dados por uma Perspectiva Feminista’, descobriu-se que algumas categorias poderiam ser agrupadas para facilitar a análise. Por exemplo, na categoria “valorizar emoções”, os três princípios estão intimamente relacionados e podem ser considerados subjetivos. Portanto, agrupar esses princípios pode facilitar a análise do avaliador. Por fim, embora a divisão proposta da ferramenta em ‘atende’, ‘não atende’ e ‘contempla o princípio’ seja interessante e forneça uma visão geral da análise, entende-se que os princípios da análise são qualitativos e, portanto, seria importante incluir também um campo

de análise mais discursivo na ferramenta, para uma melhor compreensão do atendimento ou/não aos princípios propostos.

Gráfico 2. Resumo dos resultados da análise dos infográficos utilizando o instrumento para projetar Visualização de Dados por uma perspectiva feminista, de Queiroz (2021), por grupo dos princípios.



5 Considerações finais

Os resultados da pesquisa mostram que os infográficos são ferramentas úteis e relevantes para a divulgação de dados e informações sobre o governo e os mesmos fazem uso destes. Entretanto, os resultados demonstram que o uso de infográficos na divulgação e promoção de políticas públicas voltados às mulheres ainda é incipiente. Os infográficos estão muito mais voltados a apresentar panoramas sobre determinado assunto do que divulgar informações sobre determinada política, projeto ou serviço do governo que os cidadãos possam recorrer. Verificou-se, por exemplo, que em uma área tão relevante para as mulheres como a segurança, os infográficos analisados, em sua grande maioria, apenas apresentam dados alarmantes sobre violência contra mulheres, mas poucos indicam serviços do governo e de como as mulheres podem se proteger.

Os governos deixam assim de prestar um importante serviço às suas cidadãs quando não disponibilizam as informações de forma clara e fácil, como poderiam fazê-lo com a ajuda dos infográficos. Diante dos achados deste estudo, torna-se evidente a necessidade de ações

concretas por parte dos governos para aprimorar tanto a acessibilidade quanto a efetividade dos infográficos voltados às mulheres. A adoção de diretrizes de design inclusivo, a ampliação da interatividade e a representação visual de diferentes perfis femininos são medidas fundamentais para garantir que esses materiais cumpram seu papel informacional e emancipatório. Além disso, recomenda-se que governos integrem práticas de co-design, envolvendo mulheres na concepção e avaliação dos infográficos, para que essas peças gráficas reflitam de maneira mais fiel suas necessidades e realidades.

Em relação à classificação, os infográficos governamentais usam ferramentas visuais tradicionais e similares, como ícones, desenhos, gráficos de barras e gráficos de pizza. Queiroz (2021) encontrou resultados semelhantes em seu estudo sobre visualizações na mídia. Isso sugere que os infográficos governamentais ainda não fazem uso de outras soluções de visualização atuais que podem se adequar melhor ao tipo de informação. Além disso, os infográficos são bastante limitados em termos de interatividade. Nenhum infográfico continha elementos interativos nos elementos internos do infográfico. Esses resultados também confirmam os achados de Faria e Souto (2014), que não encontraram interatividade nos infográficos do governo brasileiro.

A análise revelou que a maioria dos infográficos governamentais não incorpora princípios feministas, como a valorização da pluralidade e a desconstrução de hierarquias normativas. Essa constatação indica uma limitação na abordagem governamental quanto à comunicação voltada às mulheres, sugerindo que as políticas públicas podem estar sendo divulgadas de maneira pouco inclusiva e acessível. A ausência de infográficos que contemplem perspectivas feministas pode reduzir a eficácia da disseminação de informações sobre direitos, serviços e programas de apoio às mulheres, perpetuando desigualdades informacionais. Assim, é fundamental que gestores públicos e designers considerem diretrizes de design humanista e feminista ao elaborar materiais visuais voltados para esse público.

Embora este estudo tenha fornecido uma análise inicial sobre a presença e as características dos infográficos governamentais voltados às mulheres, futuras pesquisas podem aprofundar esse tema por meio de abordagens complementares. Investigações qualitativas, como entrevistas com designers e gestores responsáveis pela criação desses infográficos, poderiam revelar desafios e motivações por trás das escolhas de design e conteúdo. Além disso, estudos empíricos com usuárias poderiam avaliar a recepção e a eficácia desses materiais na comunicação de políticas públicas, permitindo ajustes que promovam maior engajamento e compreensão. Assim, esse estudo apresenta potencial para contribuir com as instituições governamentais, fornecendo dados e informações para que se capacitem na implementação de princípios humanísticos para o compartilhamento de informações essenciais para o público feminino. Dessa forma, será possível contribuir para o desenvolvimento de políticas efetivas de inovação nessa área, promovendo necessárias alterações para emancipar o público feminino no século XXI.

Agradecimento

Esta pesquisa foi financiada pela Fundação de Apoio à Pesquisa do Distrito Federal (FAP-DF).

Referências

- Amit-Danhi, E. R., & Shifman, L. (2018). Digital political infographics: A rhetorical palette of an emergent genre. *New Media & Society*, 20(10), 3540-3559.
<https://doi.org/10.1177/1461444817750565>
- Cairo, A. (2008). *Infografia 2.0: visualización interactiva de información en prensa*. Madrid: Alamut.
- Cairo, A. (2015). *Graphics Lies, Misleading Visuals. New Challenges for Data Design* - Cap. 5, pp. 103-116. Londres: Springer, 2015.
- Callaça Gadioli Farage, H., Costa Rattes, D., Yamila Quintero Rojas, L., Tiradentes Souto, V., & Barros Pontes e Silva, T. (2024). Data visualization for the promotion of women's rights: an analysis of the charts from the Woman Violence and Femicide Observatory. *InfoDesign - Journal of Information Design*, 21(2). <https://doi.org/10.51358/id.v21i2.1143>
- Dailey, S., Gilmore, B., & Rangarajan, N. (2025). The visualization of public information: Describing the use of narrative infographics by U.S. municipal governments. *Public Policy and Administration*, 40(1), 3-26. <https://doi.org/10.1177/09520767221140954>
- Domgaard, S., & Park, M. (2021). Combating misinformation: The effects of infographics in verifying false vaccine news. *Health Education Journal*, 80(8), 974-986.
<https://doi.org/10.1177/00178969211038750>
- Dunlap, J. C. & Lowenthal, P. R. (2016) Getting graphic about infographics: design lessons learned from popular infographics, *Journal of Visual Literacy*, 35:1, 42-59, DOI: 10.1080/1051144X.2016.1205832
- Faria, P. C. L. de A., & Souto, V. T. (2014). Linguagem gráfica de infográficos online do governo brasileiro. *InfoDesign - Journal of Information Design*, 11(3), 320–336.
<https://doi.org/10.51358/id.v11i3.264>
- Franconeri, S. L., Padilla, L. M., Shah, P., Zacks, J. M., & Hullman, J. (2021). The Science of Visual Data Communication: What Works. *Psychological Science in the Public Interest*, 22(3), 110-161. <https://doi.org/10.1177/15291006211051956>
- Jacob, R. (2020). Visualising global pandemic: a content analysis of infographics on Covid–19. *Journal of Content, Community & Communication*, 11, June – 2020, 116-123. DOI: 10.31620/JCCC.06.20/09 116.
- Lupi, G. (2023). Data Humanism: The data that tracks our lives. *Museum Week Magazine*.
<https://museumweek2h1r4.substack.com/p/data-humanism-the-data-that-tracks>
- Meirelles, I. (2013). *Design for Information: An introduction to the histories, theories, and best practices behind effective information visualizations*. Beverly: Rockport
- Novais Queiroz, B., & Tiradentes Souto, V. (2024). Who does the norm affect? Information design from a feminist perspective. *InfoDesign - Journal of Information Design*, 21(3).
<https://doi.org/10.51358/id.v21i3.1173>

- Piotti, S. R., Murphy, A. C. (2019). A Cognitive, Socio-semiotic, Linguistic, and Discursive Approach to Popularisation Strategies in Infographics, *Lingue e Linguaggi*, 29 (Numero Speciale): 291-314. <http://hdl.handle.net/10807/140472>
- Queiroz, B. N. (2021). Dados e poder: instrumento para projetar Visualizações de Dados por uma perspectiva feminista. [Dissertação de Mestrado]. Universidade de Brasília. <https://repositorio.unb.br/handle/10482/42786>
- Smiciklas, M. (2012). The Power of Infographics: Using Pictures to Communicate and Connect With Your Audiences. Indianápolis: QUE.
- Souto, V. T. (2014). Infografia jornalística online: princípios de comunicação e design. *Anais da 4a Conferência ICA América Latina*, Brasília-DF, 1233-1239.
- Twyman, M. (1979). A Schema for the Study of Graphic Language. KOLERS, P.A. & WROSTAD, M.E. & BOUMA, H. (Eds.), In: The Processing of Visible Language, vol. 1, Plenum, New York, 117–150.
- United Nations (2024). E-Government Survey 2024: Accelerating Digital Transformation for Sustainable Development. New York: United Nations. <https://publicadministration.un.org/egovkb/en-us/Reports/UN-E-Government-Survey-2024>
- W3C (2024). W3C Accessibility Standards Overview. <https://www.w3.org/WAI/standards-guidelines/>
- Weber, W. (2017). Interactive information graphics: A framework for classifying a visual genre. In A. Black, P. Luna, O. Lund, & S. Walker (Ed.), *Information design: research and practice* (pp. 243-256). Centre for Information Design Research, University of Reading.

Sobre as autoras

Virgínia Tiradentes Souto, Dra, UnB, Brasil <v.tiradentes@gmail.com>

Symone Rodrigues Jardim, Me, UnB, Brasil <sjardim@unb.br>

Daniela Fávaro Garrossini, Dra, UnB, Brasil <daniela.garrossini@gmail.com>

Ana Mansur de Oliveira, Dra, UnB, Brasil <anamansur@gmail.com>

Fátima Aparecida dos Santos, Dra, UnB, Brasil <designerfatima2012@gmail.com>